

A LÍNGUA MATERNA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM UM CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

Ana Paula Signor ROVERSI
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Esse artigo surgiu do nosso interesse pela língua dos professores de Língua Portuguesa que atuam no município de Rondinha, norte do Rio Grande do Sul, onde há a presença de fortes traços da imigração italiana. Esses professores cresceram ouvindo a Língua Italiana falada por seus pais e avós. Trabalharemos essa questão na perspectiva da Análise do Discurso (AD), especificamente com as noções de imaginário sobre Língua Portuguesa, Língua Italiana e Língua Materna. Pretendemos, então, contextualizar o espaço de pesquisa, explicar a noção de imaginário sobre essas línguas e analisar três recortes do discurso dos professores sobre cada uma delas. Ambos os discursos foram obtidos através de entrevista em áudio com professores que atuam ou atuaram no ensino da Língua Portuguesa. Buscamos, através das análises, compreender o funcionamento do discurso de professores de Língua Portuguesa em um contexto de imigração, procurando evidenciar qual é a sua Língua Materna. A compreensão da forma como o discurso é construído, com a influência da língua do imigrante no dia-a-dia desses docentes, é de fundamental importância, pois revela o intrincamento dessas duas línguas, causando uma tensão no sujeito-professor ao ser questionado sobre qual é sua Língua Materna.

Palavras-chave: Imaginário. Língua Materna. Língua Italiana. Língua Portuguesa.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo parte do pressuposto de que todo estudo que envolva o imaginário sobre língua em um contexto de imigração provoca uma tensão nos falantes ao serem questionados sobre qual é a sua LM, porque possuem uma língua híbrida e cresceram em uma comunidade em que tanto a LP quanto a LI foram e são faladas concomitantemente.

Ao observar o discurso dos professores de Língua Portuguesa no município de Rondinha, uma problemática surgiu: o fato de possuírem uma origem familiar cujos membros falam e vivenciam no seu cotidiano a língua dialetal italiana, convivendo fortemente com os costumes e a cultura trazida pelos seus antepassados que imigraram da Itália para o Brasil no final do século XIX e no início do século XX.

Frente a isso e conhecedores de que o sujeito se constitui na e pela linguagem e que não há como separar o sujeito da sua história, nem da sua memória, buscamos, com este artigo, compreender o funcionamento do discurso de professores de Língua Portuguesa em um contexto de imigração, procurando evidenciar qual é a sua Língua Materna. Para isso, analisamos nove recortes do discurso de professores de Língua Portuguesa de um *corpus* de 10 entrevistas, os quais foram obtidos através de entrevista em áudio.

Nesse sentido o nosso objetivo é de, através do questionamento aos professores sobre o que significa para eles Língua Italiana, Língua Portuguesa e qual é a sua Língua Materna, mostrarmos o imaginário que estes profissionais têm sobre essas línguas, uma vez que cresceram em um contexto híbrido de linguagem.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE PESQUISA

O município de Rondinha em seus primórdios foi colonizado pelos índios da tribo Guarani, também chamados de “coroados”, sendo oficialmente parte do Estado do Rio Grande do Sul a partir da primeira Constituição Republicana, em 15 de novembro de 1889. No decorrer de sua história, Rondinha foi Distrito dos municípios de Rio Pardo, Cachoeira, Cruz Alta, Passo Fundo e Sarandi,

cronologicamente, até ser emancipado em 28 de março de 1965, pelo então governador Ildo Meneguetti (FERRI, 1988, p. 14-20).

No final do século XIX e início do século XX, iniciou-se a passagem dos primeiros tropeiros pelas terras de Rondinha e em 1919 “começou, efetivamente, a colonização das terras, no território de Rondinha. Aos poucos foram chegando os exploradores pioneiros e com valentia foram penetrando nas matas” (FERRI, 1988, p.23). Esses primeiros colonizadores eram de origem italiana, cujas famílias vieram da Itália para o Brasil no início do século XX, instalando-se, principalmente nas cidades de Guaporé e Santa Cruz do Sul, e ao saberem da existência de terras férteis e virgens dessa localidade onde hoje é o município de Rondinha, aventuraram-se em sua direção e lá se instalaram, conforme relatos dos moradores mais antigos do município.

Comprovando esses relatos temos uma lista, pesquisada por Ferri, dos primeiros moradores do município, cujos sobrenomes são todos de origem italiana. Entre eles, podemos citar: Tissiani, Sartoretto, Breda, Schio, Franceschi, Frizon, Caús, Carbonari e Grando (id, p. 30).

Muitas outras famílias vieram depois para o município de Rondinha, na maioria imigrantes italianos que, nos escritos de Ferri:

trouxe, desde o continente europeu, os usos, costumes, o folclore e as influências de seus antepassados que os transmitiu aos seus descendentes, influenciando inclusive os elementos de outras etnias, no meio em que passou a viver. Assim foram transmitidos os elementos arraigados, referentes à religião, à linguagem, às residências, à vestimenta, o lazer, os usos, os costumes e o folclore, que passaram a fazer parte do dia-a-dia do próprio imigrante e seus descendentes (ibid, p. 226).

O mesmo autor, ao falar sobre a linguagem, complementa:

segundo a origem das Províncias Italianas, donde provinham os imigrantes, eram trazidos os diversos dialetos, que foram ensinados a seus filhos, utilizados no linguajar cotidiano e mesmo nos encontros e reuniões, que, com o passar do tempo, foram sendo incorporados à linguagem usual. O uso do dialeto persiste até hoje, em determinadas ocasiões, principalmente no meio rural (ibid, p. 227).

Dessa forma, Rondinha formou-se e é muito comum andarmos pela cidade e escutarmos pessoas falando em italiano, assim como são comuns os costumes e tradições italianas. Essa presença é tão forte que todos os anos são feitos eventos promovidos pela Prefeitura Municipal para resgatar a memória do imigrante italiano. Um dos mais recentes projetos denominado “Resgate e valorização da Cultura Italiana no nosso município” teve uma grande repercussão, participando escolas e toda a comunidade, com gravação audiovisual de relatos das pessoas anciãs do município, reconstituição da história da imigração, concurso de redações e poesias exposição de painéis e objetos de memórias das famílias, jantar típico italiano com músicas e culinária italiana. Todos os anos a comunidade espera ansiosa por esses momentos, nos quais relembram suas origens.

Na década de XX, surgiu no município de Rondinha a primeira escola particular. Era uma escola pequena que atendia a demanda do município, ainda não emancipado, na época. A primeira escola pública estadual do município só surgiu em 1939, que até o ano de 1987 funcionava apenas o então chamado “1º grau”. No ano de 1988, foi instaurado o ensino de “2º grau” naquela escola, que hoje é a maior do município. Nesse ano de 1988, o município possuía 28 escolas municipais, seis estaduais e uma particular (FERRI, 1988, p. 197-204).

Com o passar do tempo, a demanda de alunos foi diminuindo, juntamente com a população do município, causando o fechamento de várias escolas. Atualmente o município possui duas escolas municipais, uma de Educação Infantil e outra de Ensino Fundamental e três estaduais, sendo que duas destas são localizadas no interior do município. Das estaduais, apenas a escola localizada na cidade possui além do Ensino fundamental também o Ensino Médio. São os professores destas escolas que entrevistamos para este artigo.

3 IMAGINÁRIO SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ITALIANA E LÍNGUA MATERNA

Buscamos em diferentes autores uma definição para LM e LE, e encontramos que “LM e LE parecem ocupar lugares distintos na constituição identitária do sujeito: enquanto a primeira é a língua do saber (do gozo, do desejo, do conforto e do bem-estar), a segunda é a língua do conhecimento” (MELMAN *apud* CORACINI, 2007, p. 149). Coracinicomplementa escrevendo que “a língua materna seria adquirida e a estrangeira aprendida” (2007, p.150). Podemos entender aqui o uso do termo LE porque

falamos uma (ou várias) língua que é (são) sempre a língua do outro e para o outro, que vem plena do outro- língua estrangeira-materna, materna-estrangeira-, cuja falta em mim imagino completar, mas é sempre e apenas uma prótese da falta e, como tal, deixa marcas, vestígios da fratura, da sutura... Dizer como escritura, inscrição do sujeito (híbrido) numa língua que, embora imaginariamente una e compacta, é sempre híbrida e porosa, ao mesmo tempo sua e do outro. E é nessa língua que o eu se forma, nesse lugar de uma situação impossível de ser encontrada (CORACINI, 2007, p. 145).

A mesma autora define LM como “a língua que se adquire de modo espontâneo, desde que se nasce, aquela em que somos nomeados pela primeira vez, aquela na qual somos falados desde cedo” (id., p. 150). Já Ghiraldelo, define a LM como “a língua que faz com que um indivíduo, enquanto ser biológico, torne-se um sujeito de linguagem, ou seja, que o introduz em um mundo simbólico” (2002, p. 51). Esta última, ao parafrasear Casanova (1982), define LM como aquela que não se aprende, mas se é banhado nela; aquela que afeta o corpo, habita o indivíduo e faz dele um ser falante, de tal forma que ele desliza, tropeça e hesita nas palavras, ocorrendo os esquecimentos, os lapsos, os atos falhos, os trocadilhos” (GHIRALDELO, 2002, p. 64).

Apesar de concordarmos com todos os autores acima citados, não podemos nos esquecer de que, no caso de um contexto de imigração, “a Língua Materna, no sentido de língua constitutiva, pode chegar a se formar a partir de mais de uma materialidade lingüística” (PAYER, 1999, p. 119), nas

palavras de Ghiraldelo: “A língua materna é a língua primeira, mas a noção de *língua primeira* vai muito além do fato de ser a primeira” (2002, p. 61). No caso dos sujeitos de nossa pesquisa, que conviveram e convivem com a LI desde seu nascimento, que é falada pelos seus familiares, entendemos pertinente o que nos ensina Ghiraldelo: “a língua Portuguesa como nacional não é exclusivamente a Língua Materna de cada um dos falantes” (Id, 2002, p. 51).

Em nossa pesquisa, o imaginário sobre LM se confunde com o imaginário sobre LP e LI, pois ambas habitam na memória discursiva dos professores de LP que, muitas vezes, se autodenominam “italianos” e se orgulham de conhecer a língua de seus pais/avós. Nos dizeres de Payer, encontramos que “como parte da constituição da memória discursiva do sujeito imigrante consideramos a sua língua, como um lugar e uma forma específica de inscrição da memória histórica desses imigrantes na sociedade brasileira” (PAYER, 1999, p. 11).

A LP, para os descendentes de italianos, é a língua denominada por Ghiraldelo, em sua pesquisa realizada no ano de 2002, como língua oficial, conceituada pela própria autora como “língua estabelecida pelo governo de um Estado-nação, a língua que deve predominar, ao menos nas comunicações institucionais e públicas, em todo o território nacional” (p. 51). E esse português se confunde com LM, pois “o português do Brasil que foi a língua oficial para os imigrantes, enquanto para os seus descendentes se tornou, na maioria dos casos, a Língua Materna” (id. p. 55), já que seus descendentes cresceram ouvindo as duas línguas, a LI em casa, com seus familiares, e a LP na sociedade e, principalmente, na escola.

Assim, segundo Ghiraldelo, “considerando o Brasil um país pós-colonial, a LP como materna, vista sincronicamente, poderá, para determinados sujeitos, ser constituída também de elementos oriundos de outras línguas, como é o caso dos sujeitos, cujos pais, embora falem o português, têm como LM uma outra língua” (*in* CORACINI, 2003, p. 59-60). Isso caracteriza esse universo híbrido que nos constitui, uma vez que “mestiços somos todos, se pensarmos no hibridismo que constitui cada brasileiro, cada um de nós... Híbrido no

híbrido, pois cada língua – cada cultura – que nos atravessa de maneira mais ou menos marcante é constitutivamente híbrida...” (CORACINI, 2007, p.155).

4 Análises

Neste tópico analisaremos nove recortes do discurso de professores, os três primeiros respondem a questão “O que representa para você a LP?”, os recortes quatro a seis respondem a questão: “O que representa para você a LI?” e os três últimos, “Qual é a sua LM?”. Ambos os recortes do discurso dos professores foram obtidos através de entrevista em áudio com docentes que atuam ou atuaram no ensino da Língua Portuguesa no município de Rondinha.

SD1(P1)

P: Ai, ai / a Língua Portuguesa /// acho que a forma da gente se comunica na nossa, é a nossa língua né, nós temos que dizer mesmo que ela seja EMPRESTADA vamo dizer, mas é a nossa língua, então a gente tem que conhecer ela cada vez mais, lê muito, ela é um pouquinho COMPLICADA / a Língua Portuguesa eu acho uma língua bastante complicada / a gente tem muitas falhas na fala, principalmente na fala porquena escrita / eu // não acho que eu tenha muita falha na escrita, mas na fala / e acho que é justamente por causa dessa misturaporque a gente não aprendeu uma língua pura né / então / tem muita influência na Língua Portuguesa eu acho, na nossa língua.

SD2(P2)

P: Olha é o meu objeto de trabalho né /// eu acho que / eu não sou daquele tipo /// que segue muito / mesmo sendo professora de português eu não sigo o tempo todo corrigindo os alunos /// eu acho que eles têm aqueles traços que não adianta você corrigi eles porque eles vão ficar inibidos em relação / eles não vão ser naturais então como eu trabalho no interior eu vi bastante traços do italiano por exemplo “apaga”, eles usam expressões para

se xinga, eles jogam cartas, então eu ouço expressões, muitas vezes na hora do recreio, eu ouço expressões deles em italiano, enfim, eu acho assim / o português é uma língua muito bonita, mas ela tem que ser o mais natural possível, erros a gente tem que corrigi / aqueles mesmo que a gente vê que são gritantes.

SD3(P3)

P: Uma diversidade muito grande, ah, é uma língua que // TEM MUITAS DIFICULDADES, mas ela é maravilhosa / gosto muito de trabalhar.

O que nos chama muito a atenção nesses relatos feitos pelos professores é que eles entendem a LP como uma língua muito difícil, “complicada” (SD1), difícil de ensinar aos alunos, pois a grande maioria tem muitas dificuldades na disciplina, mas também é muito “bonita”(SD2), pena que não seja uma língua “natural” (SD2). Entendemos que esse professor considera a LP como uma língua forçada e que deveria ser “mais natural possível” (SD2), mas também nos questionamos se esse natural refere-se ao fato de não ser natural para ele que é de descendência italiana, que cresceu falando e ouvindo esta outra língua, o que configuraria a palavra “natural” como um lapso¹ inconsciente do seu imaginário sobre LP.

Para um dos docentes, a LP é emprestada (SD1), mas nos perguntamos, emprestada por quem e para quem? Essa palavra representa um equívoco da linguagem que possibilita o sentido de “emprestada”. Se é emprestada, então esse professor não a considera como sendo sua língua materna, mas a língua de um outro? Quem seria este outro? Se a LP não é sua língua, então, qual é a sua língua? O mesmo entrevistado segue dizendo que a língua que aprendemos não é uma língua pura. Compreendemos que, ao utilizar o pronome “nós”, ele esteja se referindo às pessoas de sua comunidade ou a ele e a entrevistadora, que também pertence à sua comunidade, pois essas pessoas de seu círculo social também vivem em um contexto de imigração, sofrendo também influências da LI. Para outro docente, a LP é uma

¹ “Algumas de suas manifestações são as falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos, ambiguidades, que fazem parte da língua e representam uma marca de resistência e uma diferenciação em relação ao sistema” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 14).

grande diversidade (SD3), um adjetivo que denota algo positivo, esse professor vê a LP como um baú de possibilidades, de falares diversos.

Na SD2, encontramos uma grande preocupação do professor com a docência da LP, muito mais do que seu imaginário sobre ela. Esse professor não consegue se desligar da sala de aula: “eu não sou daquele tipo /// que segue muito / mesmo sendo professora de português eu não sigo o tempo todo corrigindo os alunos /// eu acho que eles têm aqueles traços que não adianta você corrigi eles”. Parece que sua preocupação é em relação a imagem que passará à entrevistadora sobre como ele é no exercício de sua profissão em sala de aula. Ele foge, por alguns instantes, da pergunta feita a ele e, em seguida, conhecedor do tema de nossa pesquisa, acrescenta: “eu trabalho no interior eu vi bastante traços do italiano, por exemplo, “apaga”, eles usam expressões para se xingá eles jogam cartas, então eu ouço expressões, muitas vezes, na hora do recreio, eu ouço expressões deles em italiano”. Essa fala nos parece intencional no sentido de enfatizar que realmente a LI faz parte do dia-a-dia dos seus alunos na escola. Isso nos leva a compreender que em seu imaginário os traços são visíveis apenas nos alunos. Na SD3, a frase enfatizada “tem muitas dificuldades” demonstra que este professor não só pensa que a LP é difícil, mas também fica implícito que ele próprio tem muitas dificuldades em relação a ela.

SD4(P4)

P: O italiano representa a minha cultura, a minha / minha vida, eu me sinto / até os costumes das nossas comidas eram italianas, ah, polenta, o RADICCI, tudo isso vem a ser do / do italiano mesmo / as vestes até não porque a gente acaba mudando com o passar dos anos né, mas o que representa assim / a minha vida / eu me sinto mais italiana do que qualquer outra misturinha que eu tenha [risos] da minha raça.

SD5(P5)

P: Eu acho que já é uma /um norte já, né, é / uma coisa que a gente já se identifica, inclusive a minha irmã e eu já temos / há algum tempo a / cidadania italiana, né.

SD6(P6)

P: A minha família, né, parece que é / a terra que a gente, né / tem alguma coisa a ver com a gente né / lembra dos avós / faz parte da família.

Nesses relatos, observamos que a LI representa “a minha cultura, a minha / minha vida” (SD4); “um norte já, né, é / uma coisa que a gente já se identifica” (SD5); “A minha família, né, parece que é / a terra que a gente, né / tem alguma coisa a ver com a gente né / lembra dos avós / faz parte da família” (SD6). Chama-nos a atenção em todos esses relatos a menção à cultura, família, história desses professores. Isso só confirma que a LI os constitui, faz parte de suas vidas, uma vez que influencia seus discursos. Esses educadores vivem em um contexto de hibridiz linguística, onde “instala-se a ‘con-fusão’ (fusão entre as línguas) que dá lugar às genealogias mestiças ou às mestiçagens identitárias” (CORACINI, 2001, p. 45). Esta originada de um passado histórico familiar que se faz presente em suas vidas. É muito interesse a identificação que os professores têm com a cultura e com a LI. Ao serem questionados sobre isso, rememoram suas vivências, deixam escapar traços, “que se marcam como signo ou letra, e afloram, cá e lá, pela memória que se faz discurso, histórias de vida, nas invenções de si” (id, p.11) e que demonstram o amor por serem descendentes de italianos, visível na utilização de pronomes possessivos: “minha cultura (...), minha vida” (SD5), “minha família” (SD6). Ao utilizar esses pronomes, eles estão se identificando, se incluindo nessa cultura que faz parte de suas histórias familiares e que, mesmo depois de aproximadamente cem anos da chegada dos imigrantes e de várias gerações, continua viva em suas memórias. Compreendemos que a LI, a partir desses relatos, é constitutiva do sujeito, diferentemente da LP.

Outro professor diz: “eu me sinto mais italiana do que qualquer outra misturinha que eu tenha [risos] da minha raça” (SD4), produzindo um efeito de sentido de pertença/ identidade com a cultura italiana. Já dizia Derrida, citado por Coracini, que “a pertença é sempre marcada pela e na historicidade, inscrição do sujeito que se faz no espaço e no tempo, admitida, permitida ou coibida pelo outro” (CORACINI, 2007, p.51), melhor compreensível através do recorte “a gente já se identifica” (SD5).

SD7(P1)

P: Bom / português né porque a gente fala português, é a nossa língua materna...

SD8(P1)

P: Bom, a língua materna, nós dizemos que a nossa Língua Materna é a Língua Portuguesa né / então eu aprendi que a língua materna é a Língua Portuguesa, mas / pro entendimento que nós temos hoje Língua Materna eu acho que devia ser o italiano para nós né.

SD9(P9)- LM: A minha Língua Materna? É a Língua Portuguesa?

Em todas as SDs é mencionada a LP como sendo a LM, mas o que nos chama bastante a atenção é a forma como cada professor justifica esta opção, deixando muitas marcas linguísticas que nos levam a entender sobre o que realmente eles imaginam ser sua LM, afinal, “como sujeitos logocêntricos que somos, precisamos sempre criar, inventar justificativas para nossos atos e mudanças” (CORACINI, 2007, p. 80).

Na SD7, a justificativa do educador é “porque a gente fala”. Imaginamos então que, para este docente, o fato de falar a língua já é motivo para que ela seja sua LM, mas então o que acontece quando aprendemos e falamos línguas estrangeiras? Também poderíamos considerá-las como LM? O que esse professor pensa sobre o conceito de LM? Na SD8 encontramos “nós dizemos que a nossa Língua Materna é a Língua Portuguesa né / então eu aprendi que a língua materna é a Língua Portuguesa”, quem diz isso? Seriam os professores? Afinal, nas escolas, “ensina-se uma língua que pouco ou nada tem a ver com o aluno, mas se deseja que ele a domine, que seja por ela constituído, que a digira, que nela se invista...” (id, p. 147).

Por que essas pessoas que dizem que a LP é a LM pensam dessa maneira? Este relato deixa transparecer uma incerteza do professor em relação ao que alguns dizem e ensinam sobre LM. Ele fica na dúvida e complementa: “Língua Materna eu acho que devia ser o italiano para nós né”, levando a entender que a LM não pode ser a LP, afinal esse professor, assim como todos

os outros entrevistados, cresceram em um ambiente em que pais, avós e vizinhos falavam a LI em todas as situações. Ao utilizar a expressão verbal “deveria ser”, nosso enunciador nos permite compreender que não é, que LM é, pela regra, a LP. Percebemos um cuidado em falar, um certo receio em afirmar que a LM é a LI, seria uma simples dúvida? Ou um traço latente do mito da interdição da língua do imigrante na era Vargas? Sabemos que “toda língua é, ao mesmo tempo, o lugar do repouso e o lugar do estranhamento, o lugar da interdição e o lugar do gozo...” (CORACINI, 2007, p. 131).

Reportar-nos-emos agora a SD9: “A minha Língua Materna? É a Língua Portuguesa? A Língua Portuguesa que nós aprendemos na escola, né”. Nesse recorte é possível observar, por meio dos dois pontos de interrogação, uma incerteza quanto a sua LM. O professor questiona a entrevistadora e espera uma confirmação sobre ser ou não a LP sua LM. Depois, conclui dizendo que é a língua que aprendemos na escola, mas finaliza com um “né”, o qual compreendemos como também uma interrogação. Há uma dúvida nessa SD, mas por que há essa dúvida? O que estaria causando-a? Seria a LI? Por que esse professor não deixa claro o motivo dessa imprecisão? Ele estaria mesmo com dúvidas ou está evitando comentar sobre a LI que o constitui, já que vive neste contexto de hibridez linguística?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos as reflexões pretendíamos mostrar as representações sobre LP, LI e LM que habitam no imaginário dos professores de LP que vivem em um contexto de imigração italiana. Para isso, analisamos nove recortes do discurso de professores de Língua Portuguesa de um *corpus* formado por 10 relatos, os quais foram obtidos através de entrevista em áudio. Também trabalhamos com a contextualização do espaço de pesquisa e noções teóricas sobre o imaginário das três línguas.

Constatamos que há uma grande tensão presente no discurso daqueles professores no que diz respeito à resposta sobre sua LM, pois, como vivem em

um contexto de imigração italiana, tanto a cultura como a língua do imigrante os constitui e emerge, através de lapsos do inconsciente, em seu discurso.

Esses estudos foram de grande importância para a ampliação de nossos conhecimentos sobre o assunto em questão, para compreendermos melhor a constituição do sujeito em relação a LI e para confirmar que não há monolingüismo, mas sim há línguas que convivem em um espaço híbrido.

Esses estudos poderiam ser aprofundados, pois há sempre algo a mais que pode ser descoberto nas análises. Cada leitura abre uma nova reflexão, uma nova compreensão. Também, muitas noções poderiam ser contempladas e aprofundadas, já que este tema pode abrir muitas questões.

Referências Bibliográficas

CORACINI, Maria José. *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades* (org.). Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

_____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FERRI, Gino. *Rondinha*. Chapada, RS: Editora Artes Gráficas Ltda, 1988.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. *As representações de Língua Materna: Entre o desejo de completude e a falta do sujeito*. Tese de doutoramento. IEL. UNICAMP, 2002.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (coord.). *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2005.

PAYER, Maria Onice. *Memória da língua: Imigração e nacionalidade*. Tese de Doutorado, IEL, Unicamp, 1999.